

ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DE NAVIRAÍ DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Joice Kély do Nascimento de Souza¹
Roseli Maria Rosa de Almeida²

RESUMO: Esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Naviraí (UFMS-CPNV) investigou como ocorreram as estratégias utilizadas por professores durante a alfabetização e o letramento de alunos no 1º ano do Ensino Fundamental durante o período pandêmico. O trabalho é de natureza qualitativa e descritiva, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas direcionadas à duas professoras alfabetizadoras de escolas públicas municipais de Naviraí - MS. O objetivo geral do trabalho foi investigar as dificuldades e o acompanhamento da alfabetização e letramento dos alunos no 1º ano do ensino fundamental diante da pandemia da Covid-19. Os objetivos específicos foram: i) identificar os métodos e metodologias em alfabetização e letramento, com os alunos, durante o ensino remoto; ii) investigar quais foram as estratégias utilizadas pelas professoras no retorno às atividades presenciais. A partir dos resultados levantados foi possível inferir que: a) o ensino remoto foi necessário e essencial para que não gerasse atrasos no ensino dos professores e a aprendizagem dos alunos, mesmo com relatos e reclamações desta modalidade de ensino; b) as estratégias utilizadas pelas professoras no retorno às atividades presenciais foram com os cuidados redobrados em sala de aula, bem como com os alunos que voltaram com grandes dificuldades em seus estudos; c) os acompanhamentos com professores de reforço foram de apoio e suporte por meio das instituições.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Pandemia. Alfabetização. Letramento. Estratégias.

STRATEGIES USED FOR LITERACY IN THE FIRST YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL DURING THE PANDEMIC PERIOD

ABSTRACT: This research for the Course Conclusion Work (TCC) of the Pedagogy Course at the Federal University of Mato Grosso do Sul – Naviraí- Campus (UFMS-CPNV) investigated how the strategies used by teachers during the alphabetization and literacy of

¹ Acadêmica do 8º semestre do Curso de Pedagogia da UFMS/CPNV.

² Docente da UFMS/CPNV e orientadora da pesquisa.

students in the 1st year of elementary school occurred during the pandemic period. The study is qualitative and descriptive in nature, and data was collected through semi-structured interviews with two beginning literacy teachers from municipal public schools in Naviraí - MS. The general objective of the study was to investigate the difficulties and monitoring of alphabetization and literacy among students in the 1st year of elementary school in the face of the Covid-19 pandemic. The specific objectives were: i) to analyze how literacy and alphabetization methods and methodologies were adapted with students during remote teaching; ii) to investigate the strategies used by teachers when returning to face-to-face activities. Based on the results, it was possible to infer that: a) remote teaching was necessary and essential so as not to jeopardize the teachers' teaching and the students' learning, even with reports and complaints about this teaching modality; b) the strategies used by the teachers on their return to face-to-face activities were to take extra care in the classroom, as well as with the students who returned with great difficulties in their studies; c) the follow-ups with tutors were of support through the institutions.

Keywords: Primary education. Pandemic. Alphabetization. Literacy. Strategies.

1. INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho teve como princípio acompanhar as estratégias de ensino de professores e os impactos causados pela pandemia da covid-19 na Alfabetização e no Letramento de alunos no 1º ano no Ensino Fundamental, com foco em duas escolas públicas municipais, buscando identificar como foi realizado o processo de alfabetização e letramento, os impactos trazidos pela paralisação presencial geral das aulas nos alunos e estratégias utilizadas pelos professores durante aquele período e como deu-se o retorno das aulas presenciais. O vírus da Covid-19, de acordo com o Ministério da Saúde (2021) é uma infecção respiratória aguda causada pelo Coronavírus, SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

O motivo pelo interesse neste tema foi despertado durante o estágio, em uma escola pública, oportunidade remunerada e proporcionada pela Gerência de Educação e Cultura da cidade de Naviraí, em parceria com a UFMS-CPNV. Observando a volta às aulas em uma instituição pública municipal, que estava estagiando no período de pandemia, numa turma de ensino fundamental de 1º ano, que surgiu o interesse de analisar como foram as dificuldades de ensino e aprendizagem nesta forma de ensino, com professores também de escolas públicas municipais que alfabetizam.

Com a pandemia houve a paralisação das aulas, no intuito de restringir o contágio do vírus, mas gerou grandes mudanças na educação e atingiu a maior parte dos alunos, principalmente estudantes e crianças de escolas públicas e em situações de vulnerabilidade. A

paralisação das aulas trouxe de certa forma, uma mudança nas instituições de ensino, além do fechamento das escolas ter representado uma perda enorme para a aprendizagem. A escola quando estava funcionando dava oportunidades diariamente de alimentação, segurança, interação social e principalmente de aprendizado.

Posto isto, este trabalho propôs-se a analisar os métodos e estratégias utilizadas por professores no ensino, que se tornou obrigatoriamente e temporariamente remoto, um período que então durou dois anos no Brasil. E por mais que houvesse os esforços dos pais ou responsáveis com a educação dos estudantes nas suas casas, esse trabalho não atingiu o objetivo, e muitos alunos chegaram ao ensino regular presencial, com dificuldades na aprendizagem.

Dentro do tema proposto neste trabalho, a pesquisa foi estruturada a partir de algumas questões norteadoras: Quais foram os impactos causados pela pandemia na visão de professores em período de alfabetização de alunos do ensino fundamental? Quais foram os métodos e estratégias usadas pelos professores, juntamente com sua instituição, para com o ensino e a aprendizagem dos alunos, no período pandêmico? Que medidas foram tomadas na volta das aulas regulares?

Desta forma, este trabalho teve como objetivo geral investigar as dificuldades e o acompanhamento da alfabetização e letramento dos alunos no 1º ano do ensino fundamental diante da pandemia da covid-19. Nesta perspectiva, ainda teve como objetivos específicos: i) identificar os métodos e metodologias em alfabetização e letramento, com os alunos, durante o ensino remoto; ii) investigar quais foram as estratégias utilizadas pelas professoras no retorno às atividades presenciais.

O desenvolvimento desta pesquisa se adequa no campo da pesquisa qualitativa, pois de acordo com Godoy (1995) um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Para Fontelles (2009) é um tipo de pesquisa apropriada para quem busca o entendimento de fenômenos complexos, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações.

A coleta de dados se deu mediante a realização de entrevistas presenciais, com roteiro semiestruturado, com professoras de instituições escolares públicas, com questões relacionadas à: organização de seus planejamentos de aulas no período pandêmico, principais impactos causados pela pandemia, dificuldades encontradas com os alunos no ensino remoto,

bem como o retorno às aulas presenciais em Naviraí. Durante as entrevistas, os entrevistados ficaram livres para se expressarem e falarem sobre a temática e suas experiências pessoais.

O desenvolvimento de uma pesquisa com esta temática é de suma importância para que se possa pensar criticamente como oferecer suporte às atividades educativas durante e após o período de pandemia, pois a alfabetização, em especial, necessita de um monitoramento em conhecimentos que farão diferença para a vida inteira.

2. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

Os processos de alfabetização e o letramento são importantes para as crianças aprenderem a escrita e a leitura e, além disso, praticarem o uso dessas habilidades. O processo de desenvolvimento de um se ampara no processo de aprendizagem do outro, ou seja, precisamos aprender códigos de linguagens, como letras e números, como também saber a sua funcionalidade, leitura e entendimento, pois não se pode deixar de considerar que é necessário:

[...] a aprendizagem de um processo de representação: codificação de sons em letras ou grafemas e decodificação de letras ou grafemas em sons; a aprendizagem do uso adequado de instrumentos e equipamentos: lápis, caneta, borracha, régua...; a aprendizagem da manipulação de suportes ou espaços de escrita: papel sob diferentes formas e tamanhos, caderno, livro, jornal...; a aprendizagem das convenções para o uso correto do suporte: a direção da escrita de cima para baixo, da esquerda para a direita (GUSSO, et al.; 2010, p. 22).

Tornar o indivíduo capaz de ler e escrever com propriedade, é função da escola, e não deve ter apenas o sentido de decodificar letras e símbolos, mas de fazer o aluno adquirir condições de se apropriar da leitura e da escrita, tornando-se independente e autônomo nestas práticas (Feitosa, Mota, Silva, 2020).

Para Soares (2003, p.14) a entrada da criança no:

O mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento.

Quanto ao termo letramento, para Soares (2003), é em meados dos anos de 1980 que se dá a “invenção” do letramento no Brasil, palavra usada para os aspectos culturais e das práticas sociais de leitura e escrita. Sobre o letramento Soares (2003) afirma que este é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, como prática mecânica, mas que amplia e exerce as práticas sociais de escrita e leitura no seu cotidiano.

Posto isto, estes dois processos são para Soares (2003) interdependentes, e ao mesmo tempo, indissociáveis, uma vez que a alfabetização desenvolve-se no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, por meio de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode se desenvolver no contexto da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, da alfabetização propriamente dita. Como Almeida ressalta, “[...] alfabetização e letramento são processos interdependentes, pois não é possível um sem o outro. Somente desta forma acreditamos que poderemos formar crianças escritoras e leitoras e que, além disso, façam uso destas práticas no seu cotidiano” (Almeida, 2021, p. 118).

Sobre as práticas de leitura e de escrita, Soares (2003, p.15) explicita:

[...] integrando alfabetização e letramento, sem perder, porém, a especificidade de cada um desses processos, o que implica reconhecer as muitas facetas de um e outro e, conseqüentemente, a diversidade de métodos e procedimentos para ensino de um e de outro, uma vez que, no quadro desta concepção, não há um método para a aprendizagem inicial da língua escrita, há múltiplos métodos, pois a natureza de cada faceta determina certos procedimentos de ensino, além de as características de cada grupo de crianças, e até de cada criança, exigir formas diferenciadas de ação pedagógica.

A importância de destacar que a alfabetização e o letramento devem se dar ao mesmo tempo, pois no processo de desenvolvimento de um ampara o processo de aprendizagem do outro, ou seja, precisamos aprender os códigos, as letras e os números, como também saber a sua funcionalidade, leitura e a compreensão do que se lê.

Para Feitosa, Mota e Silva (2020) a alfabetização e o letramento precisam estar entrelaçados, pois além de aprender a ler e escrever, necessita-se que a criança entenda aquilo que lê e escreve. Feitosa, Mota e Silva (2020, p. 84) explicam que [...] “fica evidente que o domínio mecânico da leitura e da escrita não é suficiente para que a aprendizagem aconteça [...] alfabetizar letrando é algo que precisa ser efetivado na rotina das nossas escolas”.

Por isso, a escolha do modo, da forma de ensinar a ler e a escrever não tem que ser algo baseado apenas na repetição, pois torna-se algo mecânico, sem sentido, mas é preciso garantir uma aprendizagem social, que envolva o trabalho cotidiano do professor com seus alunos, em meios diversificados de ensino e aprendizagem.

Dito isto, esses dois processos de aprendizagem, alfabetização e letramento, são partes fundamentais e importantes para a comunicação e a convivência em sociedade, além disso, precisamos entender que as aquisições das crianças precisam estar presentes antes mesmos da criança frequentar a creche ou escola, no contato diário dos familiares e/ou responsáveis com livros, revistas, panfletos, etc.

Algumas crianças já vêm com as primeiras aprendizagens do ler e escrever “de casa”, são os pais/responsáveis que muitas vezes lhes contam as primeiras histórias, assim ditas repetidamente fazem com que os bebês venham a reproduzir os sons que ouvem. Esse é um dos primeiros contatos orais para posteriormente proporcionar às crianças, o mundo da leitura e da escrita. Assim:

Os processos de leitura e escrita se iniciam desde o primeiro contato dos seres humanos com o mundo, a partir da linguagem oral, por intermédio do estímulo familiar e, posteriormente, a partir da linguagem escrita, quando o indivíduo é inserido no contexto escolar. Por isso, são instrumentos tão importantes para a interação e comunicação dos sujeitos (Silva, Feitosa, Mota, 2020, p. 83).

Desta forma, sabemos o quão importantes são os hábitos de leitura e escrita, no cotidiano dos familiares e responsáveis, já que a motivação vem de hábitos de dentro dos lares e/ou da escola. As crianças já começam a perguntar respostas para as suas perguntas, e esta ação pode ser um momento de importância para inseri-las no mundo das letras. Ações como contar uma história, ler livros, ler e realizar receitas, entre outras formas proveitosas para a inserção da criança no mundo da escrita e leitura.

Almeida (2021) desde muito cedo, as crianças podem se apropriar do universo literário, por meio da escuta de textos, do manuseio e de práticas de valorização do livro e da leitura. Além disso, o fato da leitura ser vista como um bem cultural pelas professoras, auxilia no incentivo a esta prática. Isto deve ser proporcionado às crianças das mais diversas formas, contribuindo assim para o seu desenvolvimento.

Portanto, o sucesso para a formação da criança leitora está na mediação da família e da escola, instituições sociais que devem ser incentivadoras de práticas que levem as crianças a pensar a leitura como um hábito, que deve ser aperfeiçoado durante toda a sua vida.

Muitos atos do cotidiano das crianças fazem a diferença para a aprendizagem da leitura e escrita, tanto dentro das instituições escolares, quanto fora delas, entre os quais destacamos: apresentar-lhes os livros, revistas, gibis, jornais, que são formas de entrar em contato com a leitura.

Uma das formas de aprender a ter gosto pela leitura e escrita é o incentivo. Além disso, buscar por espaços públicos em que se encontram possibilidades para um universo mais dinâmico de leitura, também é uma alternativa. As bibliotecas públicas e escolares podem oferecer um mundo de interação e oportunidades para a aprendizagem, quando é um local de múltiplas oportunidades, pois mesmo que o interesse da criança surja só em folhear as páginas de uma história, apresentar um lugar com acesso a materiais físicos e de forma prazerosa, faz com que aflore a imaginação da criança infelizmente estes espaços não são muitas vezes

procurados, pois os aparelhos eletrônicos, como celulares, tablets e computadores ocupam mais espaço na sociedade atual.

Assim, é evidente cada vez mais, destacar a importância das práticas do professor, adotadas em sala, para garantir o ensino ao aluno, como a leitura coletiva, rodas de conversas, teatros sobre as histórias lidas, que são práticas significativas e têm uma função importante no cotidiano do aluno.

2.1 O ENSINO REMOTO E AS DIFICULDADES PARA ALFABETIZAR AS CRIANÇAS

Não podíamos imaginar que seria necessária uma mudança tão rápida e emergencial no mundo, mas devido a expansão da covid-19, em março de 2020, quase todas as formas de contato social foram impedidas de ocorrer, com o fechamento de instituições e a adequação de outras, como mercados, igrejas, postos de saúde, academias, shopping. As escolas foram fechadas dada a rápida propagação do vírus no país e a falta de vacinas para todos.

Todas as formas de interação entre pessoas foram privadas, bem como também com os estudantes, que não poderiam ser diferentes, pois nos locais públicos, como as escolas, creches, etc. foi proibida a circulação. Para a comunicação entre as pessoas como também de pais/responsáveis de crianças e alunos foi necessário empregar o uso de tecnologias, ou seja, meios e aparelhos que tramitaram informações necessárias para dar continuidade no cotidiano de cada indivíduo e/ou família e nos estudos. Desta maneira:

Com efeito, a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência (Barros, Henrique, Moreira, 2020, p. 352).

Para os professores, o ensino remoto foi um grande desafio, professores da educação básica da rede pública, que já estavam adaptados à realidade em sala de aula e que fazia-se a transmissão dos conteúdos perceberam essa nova realidade e os desafios de se adaptarem em uma fase importante de transição. Os mesmos propuseram-se a gravações de vídeo aulas, aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o Google Meet e a de comunicação pessoal pelo aplicativo WhatsApp, uma ferramenta que antes era particular e que virou uma ferramenta essencial para a comunicação entre todos profissionais das escolas, bem como entre os pais/responsáveis pelos alunos.

Esse novo momento deixou visível que “[...] no professor recaem, pois, as funções de motivador, de criador de recursos digitais, de avaliador de aprendizagens e de dinamizador de grupos e interações online [...]”, assim era “fundamental criar uma boa estrutura de comunicação para gerar uma autêntica comunidade virtual de aprendizagem, onde o estudante se sinta conectado e motivado” (Barros, Henrique, Moreira, 2020, p. 354).

O planejamento escolar sofreu alterações necessárias para a adaptação às novas tecnologias digitais, que antes da pandemia, eram pouco utilizadas nos espaços escolares e uma das dificuldades que o professor deve se atentar ao criar conteúdos remotos de vídeo aulas, é que criem conteúdos que não cansem, desanimem e confundam os alunos ou aos pais/responsáveis que terão de aprender e ensinar no seu ambiente privado. Para Barros, Henrique, Moreira (2020) outras possibilidades podem ser a gravação de vídeos, que podem ser editadas e disponibilizadas aos estudantes para consulta quando necessário.

Os estudantes, professores e pais, nas instituições escolares e fora das mesmas puderam perceber que o ensino remoto propôs uma nova rotina de trabalho para os professores, que passaram a se adaptar a usar tecnologias pouco utilizadas no cotidiano do ensino presencial, ocasionando grandes dificuldades durante a execução das atividades na pandemia. Moura aponta que:

Durante esse processo de adaptação de aulas no sistema de ensino remoto, foi possível perceber e refletir sobre a importância das interações e socializações entre professores e alunos, na construção de relações de aprendizagens na sala de aula, que com a pandemia sofreu impactos educacionais, sociais e de afetividade nas relações dentro e fora do âmbito escolar (2021, p.10).

Para muitos pais/responsáveis e alunos que encontravam-se em alguma forma de vulnerabilidade, ou seja, sem acesso a aparelhos celulares, internet ou acesso aos materiais básicos de estudo, os professores tiveram de criar meios de ensino que facilitaram para que os responsáveis dos alunos, de certa forma, conseguissem organizar no seu espaço familiar os momentos de estudo e aulas.

Entretanto, para os alunos em situação de vulnerabilidade social, a realidade imposta é outra, às vezes os alunos compartilham com várias pessoas o mesmo cômodo da casa, dividem o mesmo aparelho eletrônico ou não possuem nenhum equipamento que possibilite o acesso às ferramentas digitais tornando-se impossível o acesso e o desenvolvimento das atividades no sistema remoto (Moura, 2021, p.12).

Segundo Jesus (2021, apud Lucia Giraffa) o modelo de aulas virtuais realizado pelos professores durante a pandemia pode ser chamado educação síncrona remota emergencial. Por este ponto de vista, a autora afirma que os professores tentaram se reinventar, adaptando

recursos de educação online. Ao mesmo tempo, essa situação pode ter gerado descobertas e oportunidades antes não previstas.

Mesmo com todas as dificuldades encontradas entre o ensino e a aprendizagem, o ensino remoto e a distância, foram alternativas propostas pelas instituições de ensino, para não prejudicar ambas as partes envolvidas. Estas mudanças para adaptar a nova realidade ajudaram a dar continuidade nos direitos que já eram mantidos obrigatoriamente, como a educação.

3. A ALFABETIZAÇÃO DURANTE E APÓS A PANDEMIA DE COVID-19

De acordo com a Prefeitura de Naviraí, o município está localizado no sul do estado de Mato Grosso do Sul e na Região Centro- Oeste do Brasil. Foi fundado em 11 de novembro de 1963 e a distância da capital do MS, Campo Grande, é de 355 km. A cidade dos sul-mato-grossenses tem cerca de 53.188 habitantes, o gentílico é naviraiense.

Os dados da prefeitura mostram que Naviraí possui: duas instituições federais de ensino, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-Campus de Naviraí (UFMS–CPNV) e o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS); uma instituição estadual (a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMS/Naviraí); nove instituições públicas municipais de ensino; seis instituições públicas estaduais; seis centros de educação infantil/creches.

Observamos que foi preciso uma organização e parcerias entre os professores, direção, coordenação e funcionários para garantir que os alunos e crianças recebessem o conteúdo de ensino para a aprendizagem, no período de paralisação das aulas.

Nas instituições pesquisadas, observamos que as estratégias de algumas professoras do ensino fundamental, durante o período pandêmico, foram por meio de atividades enviadas (impressas) e atividades online, via aplicativo de troca de mensagens. As atividades impressas, as crianças deveriam realizar em casa, remotamente, e também as escolas passarem a distribuir apostilas, com os conteúdos das matérias para o estudo em casa, ou seja, essas atividades valeriam como ensino a distância. As apostilas eram organizadas pelos professores, formatadas e encadernadas pelos funcionários das respectivas escolas, juntamente com a gerência de educação e cultura do município.

As atividades impressas foram importantes para a ajuda dos alunos que não possuíam acesso à internet, principalmente os considerados vulneráveis, pois muitos dependeram das apostilas, além do auxílio dos seus responsáveis na manipulação e no melhor entendimento entre o ensino e aprendizagem dos mesmos. Um empecilho para muitos no ensino remoto foi

a falta de equipamentos adequados e acesso à internet, para o estudo domiciliar. Os relatos eram que os familiares e responsáveis pelas crianças mostraram-se com muitas dificuldades de ensinar e enfrentaram muitos desafios para compreender e explicar o conteúdo das apostilas às crianças.

As apostilas das escolas eram entregues aos alunos e seus responsáveis para a realização dos exercícios e atividades, bem como de leitura e interpretação de textos. Eram entregues uma apostila a cada bimestre, uma no 1º bimestre, 2º bimestre, 3º bimestre e 4º bimestre e os responsáveis recebiam auxílio dos professores em grupos particulares e específicos de *WhatsApp*, formados pelos diretores, coordenadores, professores da turma e responsáveis dos alunos.

Logo após o final do semestre, as apostilas eram levadas à escola em que os alunos estavam matriculados e entregues ao professor para avaliar e corrigir. Assim, desta maneira cada professor, nos respectivos conteúdos, avaliavam a condição de aprendizagem em que o aluno estava.

Abaixo segue algumas fotos das apostilas entregues na secretaria da escola durante o período de paralisação das aulas presenciais, para as aulas remotas, no ano de 2021. Apostilas de alunos dos 1º anos do ensino fundamental de uma escola do município de Naviraí - MS.

Foto: 1, 2 e 3

Fonte: Apostila fornecida pelas professoras (2020)



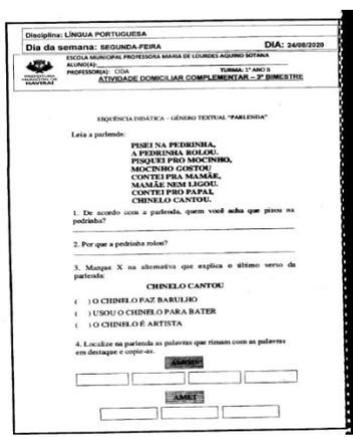
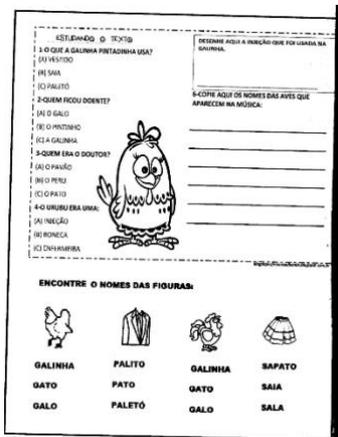


Foto: 4, 5 e 6
 Fonte: Apostila fornecida pelas professoras (2020)

Ao adaptar-se àquela nova situação, foram propostas para o retorno dos alunos às instituições escolares, que tivessem as aulas semipresenciais. Durante o período de vacinação contra o vírus da COVID-19, as turmas no geral, cada uma de aproximadamente 32 alunos, foram divididas, com duas turmas de 16 alunos (a metade), que durante uma semana viesse presencialmente e a outra turma tivesse acompanhamento com os familiares em suas casas, e na outra semana o oposto.

A educação pós-pandemia irá passar pelo “estranhamento” entre o presencial e o EAD”. Há de se considerar que a volta será gradual, com o retorno gradativo dos alunos para a sala de aula, havendo a necessidade da continuação do emprego de tecnologias (Pasini; Carvalho; Almeida, 2020, p.7).

Muitos pais e responsáveis não se sentiram tranquilos em concordar que seus filhos fossem para a instituição escolar mesmo que na forma semipresencial, mas preferiram que os filhos continuassem com os estudos em sua residência. Os alunos que estavam indo às escolas tiveram supervisão dos órgãos de controle da pandemia, pois semanalmente eram necessárias as fiscalizações para observar se as instituições estavam exercendo todas as medidas protetivas necessárias para com os alunos e funcionários.

Alguns exemplos obrigatórios de medidas para prevenir a expansão e transmissão do vírus foram: suportes de álcool em gel fixados em cada sala e em cada cômodo da escola, inclusive em banheiros, que também acompanhavam suporte de sabão líquido; cadeiras com distância de aproximadamente 1,5 metros; uso obrigatório de máscaras doadas pela prefeitura ou levadas pelos próprios alunos, usadas por todos durante todo o período da entrada até a saída da escola; spray com álcool, em todos os cômodos escolares, entre outras medidas de higiene e cuidados com os que frequentaram a instituição escolar.

Volta às aulas semipresenciais, a maioria dos alunos chegou com muitas dificuldades de aprendizagens, mais do que esperado pelos professores. Uma delas foi a falta do contato direto dos estudantes com um profissional, ou seja, um professor (a), pois o educador observa

e auxilia individualmente e coletivamente cada dificuldade dos seus alunos, e tem a competência para identificar e orientar os estudantes.

Assim, algumas metodologias de alfabetização foram orientadas pelas professoras, para que o aluno se desenvolvesse naquele momento de volta às aulas. Precisavam ensinar a pegar os lápis (de cor e escrever), o espaçamento de cada palavra, distinguir números de letras, folhear um caderno ou livro.

Os pais ou responsáveis eram quem tinham essa obrigação naquele momento de isolamento social, mas muitos ou a maioria, não tinha a capacidade de auxiliar seus filhos, teriam que adicionar mais uma tarefa à sua rotina, em muitas situações isso se tornou inviável.

Outra causa das grandes dificuldades no retorno da pandemia, foi o fato de muitos alunos não terem frequentado a educação infantil, pois esta etapa de educação é importante para o desenvolvimento do aluno, antes de entrar nas séries iniciais. As crianças que frequentam a educação infantil trazem dos jardins (pré escola) ou creches, muitas aprendizagens. A falta dessa etapa presencialmente pode afetar o desenvolvimento dos alunos.

3.1 A ALFABETIZAÇÃO NO PERÍODO DE PANDEMIA E A VISÃO DAS PROFESSORAS

Para o desenvolvimento da pesquisa de campo, realizamos entrevistas semiestruturadas com duas professoras alfabetizadoras, de duas escolas públicas, ambas ministravam aulas no primeiro ano do ensino fundamental. As entrevistas foram realizadas com uma professora pelo aplicativo *WhatsApp* e outra presencialmente. Designamos os códigos PA1 para a professora 1 e PA2 para a segunda professora entrevistada, visando uma melhor compreensão quanto às respostas obtidas.

Foi perguntado se as professoras **já tinham elaborado seu planejamento de aula quando a paralisação ocorreu**, a PA1 respondeu que “sim, já tínhamos elaborado como todos os anos. O trabalho elaborado por nós professores, feito ao início daquele ano, foi completamente diferente e precisamos estudar para tentar transmitir os conteúdos de maneira remota”, e a PA2 respondeu que:

O nosso planejamento ele é elaborado antes do mês fechar, e a pandemia ela veio assim de uma hora para outra, imaginava que seria 15 dias, a antecipação das férias, então o planejamento já estava pronto, ele foi todo de início, esses 15 dias nós utilizamos, montamos elaboramos a apostila e enviamos, nosso planejamento é mensal e depois houve toda uma alteração para poder ver como que a gente ia alcançar essas crianças(PA2, 2023)

O vírus da covid-19 se espalhou de repente e foi de imediato e repentina a paralisação das aulas. Nós, como estudantes que somos, sabemos como é árduo o trabalho em uma sala de aula, e em um momento como o que aconteceu a pandemia, podemos imaginar a pressão que as professoras tiveram. Nos relatos notamos que um trabalho já feito teve de ser readaptado por elas, para entregar o mais acessível e orientado possível aos seus alunos.

O ensino remoto surgiu para prover a situação de emergência sanitária que abalou os sistemas de ensino. Desse modo, essa modalidade proporcionou aos discentes manter as atividades educacionais, para suavizar a defasagem da aprendizagem. A educação remota é uma modalidade de ensino importante para manter o vínculo entre estudantes, professores e demais profissionais da educação. Porém, o ensino remoto é uma solução provisória, que brevemente poderá ser substituída novamente pelo ensino presencial (Jesus, 2021, p.27).

Foi perguntado inicialmente **se foram propostos alguns documentos curriculares para o ensino fundamental durante a pandemia, se elas tiveram acesso a esses documentos norteadores e quais foram.** A PA1 afirmou: “BNCC - Base Nacional Comum Curricular”, já a PA2 relatou:

As aulas remotas começaram em maio. E de início nós não recebemos nenhum documento, até porque não havia documento norteador, foi mais pelo bom senso mesmo, de ver como que eu vou conseguir atingir todas as crianças, ou pelo menos a maior parte delas, nos conteúdos de disciplinas que deveriam ser ensinados. Iniciamos essa pandemia com a ideia de que seria antecipação das férias do meio do ano, então a gente imaginava que seria 15 dias normalizando. E então assim... a primeira orientação que tivemos foi fazer, preparar a aula, atividades, uma apostila que durassem 15 dias, até porque não se imaginava que ela ia se estender tanto (PA2, 2023)

A devastação da COVID-19 ocorreu de forma acelerada e ninguém, inclusive os profissionais da educação, estavam preparados para este momento. Observamos que durante a pandemia os professores se organizaram com os mesmos conteúdos do ensino presencial, se nortearam pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e utilizaram como material as apostilas, que foi uma estratégia durante este período de paralisação, pois foi pensado como um material mais acessível, uma vez que muitos alunos não tinham internet, computador ou celular.

A BNCC considera um conjunto de habilidades ligadas às capacidades de investigar e formular argumentos a partir de experiências empíricas, que podem ser proporcionadas a partir de experimentações com materiais concretos, apoios visuais e uso das tecnologias digitais, para o desenvolvimento da competência 5. Percebemos, assim, que é essencial promover a alfabetização e o letramento digital, tornando acessíveis as tecnologias e as informações que circulam nos meios digitais e oportunizando a inclusão digital dos estudantes. (CESANA et al, 2022, p.161)

Quando perguntadas sobre **os principais impactos causados pela pandemia no seu trabalho**, a PA1 respondeu: “muitos, ensino em que eu trabalhava há muitos anos e de repente à distância”. A PA2 respondeu:

Os principais impactos causados pela pandemia foi o atraso no conteúdo, a socialização entre as crianças, comportamento, percebermos muita ansiedade, muito isolamento e realmente a criança não interagir com as outras. E no aspecto de currículo de conteúdo, vamos colocar que 20% do que deveria ter sido aprendido de 100%, 20% foi consolidado (PA2, 2023).

Durante a pandemia tivemos a impressão de que estudar presencialmente é mais viável para o ensino e aprendizagem de alunos, do que o estudo a distância, isso observamos nas falas das professoras, que atenderam somente no presencial antes da paralisação das aulas, pois no ensino presencial o professor pode interagir com o aluno, está por perto para auxiliá-los e a interação entre os colegas também pode acontecer.

No ensino à distância, há o distanciamento físico, a falta de interação entre os colegas, a dificuldade de manter o foco e a disciplina nos estudos, que são elementos que levaram ao desânimo. Observamos que houve reclamações de pouco empenho e interesse nos estudos, pois o empenho foi abaixo das expectativas.

Deve-se levar em consideração, também, os desafios encontrados com a utilização das tecnologias móveis em sala de aula, [...] os desafios de natureza pedagógica, técnica e de gestão. Dentre eles, podemos citar a falta de recursos, como dos dispositivos móveis (tablets e notebooks, por exemplo), da internet de qualidade e dos espaços físicos adequados nas instituições públicas de ensino; professores inabilitados (despreparados) para propor atividades que utilizem as tecnologias móveis; ausência de interesse dos alunos em utilizar as tecnologias móveis para desenvolvimento de atividades pedagógicas; etc. Para que a aprendizagem aconteça de forma útil e produtiva nas aulas [...] é necessário que haja interação por meio das tecnologias digitais (CESANA et al, 2022, p.163).

Nas salas de aula, em especial nas salas de primeiros anos, é necessária a fala do professor, um ambiente de interação e trocas e respeito. Esse ambiente no ensino remoto foi mediado pelas telas e materiais impressos, o que no caso da alfabetização é um pouco complicado, pois os alunos ainda obtém pouca autonomia de estudo, por meio de telas e televisores, o que pode provocar falta de concentração e empenho.

[...] muitos professores estão acostumados com o ensino tradicional que depende das interações físicas com os alunos, o que é totalmente diferente dos meios virtuais, onde tudo acontece por meio da tela de um computador, celular ou tablet. Com isso, pode-se afirmar que nem todos os docentes encontram-se adaptados e preparados para ministrar aulas por meio das plataformas virtuais (Costa et al. 2021, p.83 apud Xiao Li 2020).

Em relação às observações das professoras, foi perguntado **quais foram os impactos causados pelo ensino remoto emergencial nos alunos**, a PA1 respondeu que houve “muitos

impactos, mas precisaremos de muitos anos ainda para nos recuperarmos destes impactos, aproximadamente 15 anos, falam em algumas pesquisas”. A PA2 revelou muitas dificuldades, além dos impactos:

Como nós somos, um bairro além de popular, muito grande e carente, nós não conseguimos nos meios tecnológicos porque a maioria não tinha internet, até porque com a pandemia aumentou o desemprego, a maioria, sobre o trabalho dos pais são trabalhos informais, então eles estavam sem poder fazer esse trabalho, não tinha saído assistência do governo ainda, então não tinham internet, celular, eles não iam deixar para criança, computador muito menos, e acesso ao computador com internet, o único meio que nós encontramos para continuar dando assistência a esses alunos foi através de apostilas (PA2, 2023).

Na resposta da PA2, sobre quais foram os impactos, ela relembra de como foi um período de defasagem na educação dos seus alunos, pois se teve que resumir muitos conteúdos em poucas aulas, nas apostilas adaptadas.

Elaboramos a apostila que durava 1 mês, então assim, um conteúdo que é de português, onde eu tenho 8 aulas, ele tinha que ser resumido a uma página de apostila, a uma página, então para você ver como que o conteúdo... a criança ficou defasada no aprendizado com essa pandemia e isso se deu o período inteiro da pandemia. Então a gente tinha que resumir as nossas aulas por semana, da semana 8 de matemática, em uma página, duas de português em uma página, para poder conseguir imprimir para todos os alunos (PA2, 2023).

Para Costa et al. (2021, p. 83):

Porém, vários pontos devem ser levados em consideração, sendo que um dos principais problemas encontrados no ensino remoto diz respeito a não disponibilidade dos recursos tecnológicos para todos e a falta de acesso a uma internet de qualidade, além da falta de um ambiente adequado para os estudos.

Ao perguntar se **precisaram alterar ou adaptar do seu planejamento**, a PA1 comentou que “sim. Houve uma adaptação total do planejamento. Na sala de aula você pode mudar as técnicas e quando entrou nas aulas remotas usamos vídeos. Só foi na base da BNCC o resto foi tudo mudado”. Já a PA2 relatou:

Bom, quando a gente começou a utilizar o livro percebemos que eles não levavam o livro para correção e eles não conseguiam, principalmente a faixa etária que eu trabalhei, 1º ano, eles não conseguiam se localizar no livro, mesmo que eu colocasse na apostila, é página tal do livro de português, exercício tal e tal, eles não conseguiam. O pai não acompanhava, então o livro foi um material perdido, o que acontecia, a gente mandava apostila, a maioria fazia ou como era 1º ano, a maioria dos pais escreviam, faziam, então nós tivemos muito caso onde a criança não fazia nada, o pai preenchia e levava para escola (PA2, 2023).

A professora continua a relatar as adaptações que teve que realizar no seu planejamento das aulas, e comenta as dificuldades que teve com os pais de alunos:

E então a gente percebia, em alguns casos, que era o pai que preenchia, alguns relataram mesmo que o filho não queria fazer, não ia fazer, e para não reprovar de ano, no caso do segundo ano, em diante eles que faziam pelo filho, então assim houve muito relato disso, pai chegava e falava “meu filho não faz nada, não fez nada quem fez foi a gente”, até porque na entrega da apostila acontecia a entrega da cesta que a prefeitura concedia, e então os pais para não chegar com a apostila em branco para pegar a cesta, eles mesmo preencheram para poder entregar na escola (PA2, 2023).

Como analisado nos estudos sobre a alfabetização durante a pandemia, vê-se que uma reorganização geral dos conteúdos e formas de distribuição dos mesmos foram adaptadas, ou seja, turmas iniciais de alfabetização não tinham nenhuma noção de se organizarem nos estudos sozinhas. Os materiais impressos e conteúdos didáticos foram enviados para juntamente com a família, as crianças realizarem as atividades. No entanto, temos que considerar que muitas famílias também não conseguem auxiliar o filho, por não serem escolarizadas, ou não terem uma metodologia, já estudada anteriormente, pelo professor.

Em relação à sexta pergunta, foi perguntado se **receberam instruções, direcionamento da direção ou coordenação da escola de como este período funcionaria** a PA1 responde que:

Sim. A escola, de um modo geral, houve uma mudança. Todos se empenharam para podermos nos adaptar à nova realidade. Era orientado que mandasse sempre menos conteúdos para que o pai conseguisse ajudar a criança. As reuniões com os diretores, coordenadores, eram online, via Google Meet (PA1, 2023).

Observamos na fala da professora, que o empenho das instituições de ensino foi grande, foi preciso organizar reuniões para coordenar a questão pedagógica, foram feitas também remotamente, pois os cuidados com a pandemia eram mantidos com todos. Os conteúdos adaptados eram mais simples e pensados para facilitar a aprendizagem dos alunos e as explicações dos seus responsáveis naquele momento.

Sobre **quais foram os meios de comunicação utilizados para a transmissão dos conteúdos e atividades**, a PA1 respondeu que:

Apostilas, vídeos gravados diariamente pelos professores. No começo foi só apostila e depois todos citados na pergunta e também o Zoom, onde gravamos as vídeoaulas, gravava a apostila e passava na tela, e eu ia falando e eles iam marcando na apostila. E era mandado todos os dias as vídeoaulas para o grupo da sala. Colocamos músicas, chamadinha para apresentar os alunos um para os outros, eu pedia fotos nos grupos e que colocassem o nome do aluno embaixo (PA1, 2023).

A PA2 respondeu que “no nosso caso, o que a gente fazia era mandar um vídeo, uma história, contando, só que a maioria dos pais não tinham esse acesso, então não passava pra criança... então era a base da apostila mesmo”.

As respostas sobre os meios de comunicação utilizados são bem parecidas, nas duas situações de adaptação para a transmissão dos conteúdos, as professoras distribuíram as apostilas adaptadas, ou seja, materiais impressos para o estudo domiciliar e o uso das tecnologias possíveis para o acesso naquele primeiro momento. Vemos que as duas alternativas foram importantes e pensadas para minimizar a distância do professor e aluno.

Acreditamos que o uso do ensino remoto foi o possível naquele momento, e em muitos casos o excesso de telas pode causar grave dependência, desinteresse, estresse. Então utilizar outros materiais foi pensado para tentar alcançar os alunos de alguma maneira, no entanto, teve seus pontos negativos também.

Foi perguntado também se **tiveram dificuldades com o uso da tecnologia naquele período** e a PA1 respondeu que:

Tive várias dificuldades, mas sempre tive muita ajuda e teve um tempo que eu cansei de fazer os vídeos, mas não desisti. As apostilas eram elaboradas nas escolas com muito cuidado, usava máscara e álcool. As apostilas eram as matérias tudo junto, história, ciências, geografia, português, matemática e as outras numa só, virava um livro grosso, mais era difícil dos pais acharem, perguntavam de uma matéria para outro professor que era de outra matéria, mas depois foi separando e ficou mais fina a apostila (PA1, 2023).

Sobre as dificuldades a PA2 comentou que:

Nas duas primeiras reuniões foi mais complicado, teve gente que não conseguiu entrar porque nós utilizamos o Meet, agora com os alunos não houve porque eles não tinham, assim algum pai que tinha acesso à internet enviava mensagem de WhatsApp, a gente explicava vídeoaula, não funcionou. Mas com a facilidade na tecnologia, com dois meses os professores conseguiram se integrar (PA2, 2023).

Segundo Jesus (2021) quando comparamos a debilidade do serviço de internet com a necessidade educacional, bem como o isolamento social e o fechamento dos espaços escolares, observamos que professores e alunos estão sendo prejudicados neste processo. O autor aponta que o professor, pela alta carga de trabalho e uma estrutura sem adequação, e o estudante, por não possuir condições de assistir às aulas por meio do ensino remoto, seja por falta de material, tais como celulares, computadores e acesso à internet, gerando para ambos o estresse emocional e um sentimento de impotência.

Jesus (2021) enfatiza que:

No contexto aula, de isolamento social, a web conferência se tornou uma alternativa de encontro do professor com os alunos, no mesmo horário da aula presencial. Esse recurso possibilita o desenvolvimento de aulas expositivas que também são importantes, porém, se forem extensas, causam fadiga e desconcentração por parte dos alunos que, na maioria das vezes, não permanecem atentos à aula. Com isso, temos, de um lado, o professor, que se esforça, exaustivamente para ministrar a aula diante de ambiente frio e silencioso. Do outro lado, os alunos, que, na maioria das vezes, apenas estão marcando a presença nas aulas, com suas câmaras e microfones desligados. Essa forma de aula faz com que tanto os professores como os alunos se sintam desmotivados com os resultados (p. 24).

A nona pergunta foi sobre quais os **cuidados que foram implantados e/ou mantidos na escola e nas salas e como foi à volta às aulas regular** a PA1 comentou que:

Tivemos um período de adaptação, foi dado um tempo para os estudantes terem contatos com os colegas e professores. No início voltamos meio período, uma semana sim e uma semana não, e não se preocupava com conteúdo, mas sim, com a socialização com os colegas. Tinha jogos, brincadeiras de interagir entre eles. E logo quando estávamos com segurança em relação à pandemia, voltamos normal (PA1, 2023).

Enquanto a resposta da PA2 foi:

Quando voltou às aulas houve a questão dos alunos, foi dividida a turma e dois grupos eles estudavam quinzenalmente, espaçamento de uma carteira, um entre o outro, álcool e máscara, então houve todo esse aparato que estava tendo na sociedade, houve na escola também (PA2, 2023).

Quando questionadas sobre **como foi o acompanhamento dos alunos com mais dificuldades na alfabetização**, a PA1 disse:

A Gerência de Educação em seguida deu início ao reforço escolar. Para alunos do 1º ao 5º ano. Foi feito o EMCIMA, um projeto que ensina a perda do conteúdo, um local fora da escola, chamado “espaço pedagógico”. Lá é feito o reforço de todos que não aprenderam a ler e os mais críticos, e este espaço não vai fechar, vai continuar agora. Na sexta-feira eles vão e elaboram atividades para a turma deles, são duas horas de atividades todos os dias. E é uma atividade diferente do que o professor na escola passa, mais voltado para a alfabetização (PA1, 2023).

Sobre o acompanhamento dos alunos a PA2 comentou que:

Os alunos com dificuldades eles continuavam integrados na sala de recurso ou na sala de apoio, no reforço era da mesma forma, mandava um jogo pedagógico e uma atividade na outra um jogo pedagógico uma atividade uma por semana, então se era a atividade de alfabetização, de língua portuguesa, mandamos fazer um alfabeto móvel e uma atividade para completar aquele jogo e então o que era muito trabalhado na alfabetização, com as crianças com dificuldade, era isso só, que era mandado também. Chega um ponto que todos tinham dificuldade, não era só uma, todas, então era trabalhar de forma integral, com a sala, mandava uma atividade e um jogo que complementasse essa atividade (PA2, 2023).

Segundo informações da Prefeitura de Naviraí o “ENSINA - Educação Municipal Contribuindo Intervindo Para Nivelamento de Aprendizagem, que foi implantado pela Gerência de Educação e Cultura – por meio da Coordenação Pedagógica aulas de reforço no contraturno escolar. O projeto visa recompor a aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental de 2º ao 5º Ano que ficou defasada em decorrência da pandemia” (NAVIRAÍ, 2022).

Já se têm dados sobre a defasagem na educação brasileira no período pandêmico, embora esforços estejam sendo feitos para amenizar os impactos causados, no entanto, muitos danos ainda levarão muitos anos para a recuperação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao objetivo geral do trabalho, que foi investigar as dificuldades e o acompanhamento da alfabetização e letramento dos alunos no 1º ano do ensino fundamental, diante da pandemia da Covid-19, percebemos que as principais dificuldades na pandemia foi a falta de acesso dos alunos e pais às tecnologias digitais, bem como as dificuldades de auxiliar os alunos nas atividades impressas, por não possuírem condições, tanto de conhecimento, quanto de metodologia.

Os objetivos de entender como foi adaptação de métodos e metodologias em alfabetização e letramento com os alunos, durante o ensino remoto, foram utilizadas as tecnologias possíveis naquele momento e as atividades impressas, algo que a escola já fazia, mas que no período foi bem resumido. Muitos relatos e reclamações dos pais foram feitos em relação ao ensino remoto.

As estratégias utilizadas pelas professoras no retorno às atividades presenciais foram acompanhadas pelos cuidados redobrados em sala de aula, como também a preocupação com que voltaram com grandes dificuldades em seus estudos. Os acompanhamentos com professores de reforço possibilitaram um maior suporte das instituições para com os alunos, em especial, aqueles que ficaram com prejuízos nos conteúdos de alfabetização.

Podemos concluir que não podemos continuar reproduzindo modelos de ensino que já não atenderão às necessidades do tempo atual, pois temos na atualidade a necessidade de integrar as novas tecnologias digitais e práticas pedagógicas, bem como reaprender a flexibilizar as metodologias de ensino de acordo com as necessidades das crianças.

Nesta perspectiva, a combinação entre aulas presenciais e aulas online, ligadas por tecnologias vai se tornando uma realidade, pois o ensino híbrido é uma forma de educação que combina momentos em que o aluno estuda os conteúdos usando recursos digitais, e outros, em que o ensino ocorre em uma sala de aula, podendo interagir com outros alunos e com o professor.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Roseli Maria Rosa. Estudos qualitativos em alfabetização e letramento literário no centro oeste do país. *In: Cenários de Ensino/Investigação em Educação Matemática, Leitura, Escrita e Literatura*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia> Acesso em: 02 out. 2021.

CESANA, Vanessa Bayerl; DURÃES, Fernando Dalbó; CARDOSO, Valdinei Cezar. Investigações sobre o whatsapp nos processos de ensino e de aprendizagem: refletindo sobre o uso das tecnologias digitais durante a pandemia da COVID-19. **Kiri-Kerê-Pesquisa em Ensino**, v. 1, n. 12, 2022.

COSTA, Jefferson de Andrade et al. Dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 1, p. 80-95, 2021.

EDUCAÇÃO, Coordenadoria Regional de. **Escolas estaduais atendidas em Naviraí.** Disponível em: <https://www.cre8navirai.sed.ms.gov.br/municipios-atendidos/navirai>. Acesso em: 24 out. de 2023.

DOS SANTOS SILVA, Dagvânia; DA SILVA FEITOSA, Francisca; DA SILVA MOTA, Janine. O processo de alfabetização e letramento entre os alunos do 1º ano: uma reflexão sobre aprendizagem significativa da leitura e escrita. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 1, p. 82-90, 2020.

FONTELLES, Mauro José; SIMÕES Marilda Garcia, FARIAS, Samantha Hasegawa; FONTELLES Renata Garcia Simões. **Metodologia da Pesquisa Científica: Diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa.** Umarizal, Belém, Pará, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 abr. 2023.

GUSSO, Ângela Mari; et al. **Ensino fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais.** Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Educação, 2010, 176 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/aceso-informacao/institucional/o-ibge.html> Acesso em: 24 out de 2023.

JESUS, Pamala Tainan Nascimento de. **Impactos educacionais causados pela pandemia.** Monografia (graduação em Ciências Biológicas). Paripiranga, BA: Centro Universitário UniAGES, 2021, 62p.

MOURA, Lucinéia Lima de. Os desafios da alfabetização e o ensino remoto no contexto da pandemia do Covid-19. **Unilab**, São Francisco do Conde, p.49, 2021.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

NAVIRAÍ, Prefeitura de. **A Prefeita visita o projeto EMCINA e recebe cartas de alunos da Rede Municipal de Ensino.** Disponível em: <https://navirai.ms.gov.br/noticia/prefeita-visita-projeto-emcina-e-recebe-cartas-de-alunos-da-rede-municipal-de-ensino/> Acesso em: 26 set. 2023.

NAVIRAÍ, Prefeitura de. **Aspectos geográficos.** Disponível em: <https://navirai.ms.gov.br/conheca/> Acesso em 04 de set de 2023.

NAVIRAÍ, Prefeitura de. **Escolas Municipais.** Disponível em: https://transparencia.navirai.ms.gov.br/categoria_contato/escolas/ Acesso em: 24 out de 2023.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, Elvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da Covid-19. (Ose)**, v. 9, 2020.

SAÚDE, Ministério. **O que é a Covid-19?** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirss/o-que-e-o-coronavirus> Acesso em: 03 out. 2023.

SILVA, Dagvânia dos Santos; FEITOSA, Francisca da Silva; MOTA, Janine da Silva. O processo de alfabetização e letramento entre os alunos do 1º ano: uma reflexão sobre a aprendizagem significativa da leitura e escrita. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 1, p. 82-90, 2020.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 jan. 2022.